

## **CASA DE MEMÓRIA EDMUNDO CARDOSO (CMEC) - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PROJETO DE EXTENSÃO (SANTA MARIA-RS)<sup>1</sup>**

### *EDMUNDO CARDOSO MUSEUM: AN EXPERIENCE REPORT ON AN ACADEMIC PROJECT*

**Daiane Silveira Rossi<sup>2</sup>, Marjana Feltrin Chaves<sup>2</sup> e Roselaine Casanova Corrêa<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

O presente artigo trata de esboçar as atividades realizadas nas dependências da antiga residência da família de Edmundo Cardoso, em Santa Maria/RS. Sua execução é efetivada pela parceria feita entre a Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) e o Curso de História do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). As intervenções realizadas no acervo abarcam o acervo fotográfico, contemplando as fotografias antigas da cidade e o acervo museológico que comporta os objetos, sendo estes de diversas tipologias (material de escritório, ferros de passar roupa, talheres em prata, entre outros). O tratamento dado aos objetos segue as normas estabelecidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), conforme algumas adaptações que foram feitas para o acervo trabalhado, o que será explicado no decorrer do artigo. A respeito das fotografias, foram tratadas, armazenadas e lançadas no sistema de Banco de Dados. Ao final de 2012, obtiveram-se os seguintes resultados: 271 peças higienizadas e marcadas e cerca de 600 fotografias tratadas e catalogadas. Foram atingidos os objetivos propostos para o ano corrente, ainda que a diversidade dos objetos e a variedade das coleções apontem para resultados mais consistentes em longo prazo. Este projeto possibilitou, entre outros aspectos, a socialização em encontros acadêmicos no Rio Grande do Sul e demais estados da federação.

**Palavras-chave:** acervo, higienização, exposições.

#### **ABSTRACT**

*The article outlines the activities conducted on the premises of Edmundo Cardoso's former residence, in Santa Maria, RS. This research is supported by the partnership between the Edmundo Cardoso Museum and the History College of Franciscan University. The interventions occurred with the photography archive contemplating the old photographs of the city and the museum collection that holds the objects, which are of different types (office supplies, iron, silverware, among others). The handling of these objects follows the standards established by the Historic and Artistic Heritage Institute. The photographs were processed and stored in the database system. At the end of 2012, the following results were obtained: 271 parts got cleaned and indexed, and around 600 photographs were indexed. The goals established for that year were attained, although the diversity and variety of objects from the collections point to a more consistent results over a longer term. This project made possible, among other things, the socialization in academic meetings in Rio Grande do Sul and other states.*

**Keywords:** collection, cleaning, exhibitions.

---

<sup>1</sup> Projeto de Extensão - PROBEX.

<sup>2</sup> Acadêmicas do Curso de História - UNIFRA. E-mails: daisrossi@gmail.com; marja\_gnr@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora - UNIFRA. E-mail: casanova@uifra.br

## **INTRODUÇÃO**

Este projeto funcionou nas dependências da antiga residência da família de Edmundo Cardoso, na Rua Pinheiro Machado, nº. 2712 em Santa Maria/RS. Sua execução é efetivada pela parceria feita entre a Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) e o Curso de História do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). As atividades realizadas pelo projeto têm a finalidade de dar prosseguimento a conservação e preservação da memória da cidade de Santa Maria, iniciada por Edmundo Cardoso (1917-2002). Edmundo foi jornalista, funcionário da justiça, escritor, teatrólogo e memorialista. Foi também fundador de duas importantes instituições santa-marienses: a Escola de Teatro Leopoldo Fróes (1983) e o Clube de Cinema de Santa Maria (1950) (CORRÊA, 2005).

A justificativa do projeto encontra-se alicerçada em salvaguardar a memória da cidade de Santa Maria (RS), nos aspectos socioeconômicos, políticos e culturais; no incentivo à pesquisa e à educação patrimonial, bem como o desenvolvimento de projetos de extensão na CMEC; salvaguardar coleções museais, ricas e variadas, que contêm boa parte da História do Município de Santa Maria da Boca do Monte; instigar atividades de extensão no Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) e reconhecer seus benefícios no amadurecimento intelectual e social dos acadêmicos; e reconhecer que instituições de ensino superior comprometidas com as questões sociais necessitam amparar a formação de seus educandos nos pressupostos do tripé ‘ensino, pesquisa e extensão’.

Os objetivos do projeto estão definidos em realizar o inventário do acervo da CMEC; higienizar, marcar e organizar as diversas coleções do acervo da CMEC; registrar as peças em Livro Tombo e/ou Livro de Registros; contribuir para a pesquisa e o estudo da cidade e a consolidação da identidade local e regional; e preservar o trabalho de coleta e guarda de objetos por Edmundo Cardoso.

No primeiro semestre de 2012, foram realizadas as atividades de higienização, catalogação, acondicionamento e armazenagem das peças do acervo museológico, sendo os mesmos processos realizados nas fotografias da cidade. Estas, posteriormente, foram lançadas no sistema de Banco de Dados da CMEC. Já no segundo semestre de 2012, as atividades desenvolvidas para a conservação das fotografias não foram mais realizadas, pois as mesmas passaram a ser atribuição do setor de arquivística da CMEC. Adicionou-se, por conseguinte, a atividade de marcação definitiva das peças, totalizando 271 unidades marcadas.

Este texto encontra-se disposto em duas partes. Primeiramente, primou-se pela explanação das atividades de salvaguarda de algumas coleções do acervo da CMEC, no ano de 2012. A seguir, priorizou-se a divulgação das exposições promovidas pela Casa, focando-se na Educação Patrimonial.

## **ATANDO OS FIOS DA MEMÓRIA: O TRATAMENTO DA CASA DE MEMÓRIA EDMUNDO CARDOSO**

Há uma vertente conceitual que nos remete ao surgimento dos museus no século VI a. C., fazendo-se alusão ao Templo das Musas (Museion). “As musas, nove ao todo, são filhas de Zeus

e Mnemosine, a deusa da memória. Elas vivem no monte Hélicon, nas proximidades de Ascra, na Beócia, e de Piéria, perto do Olimpo” (HISTÓRIA VIVA, 2010, p. 38). As musas davam um toque especial para a inspiração artística e científica, eram benevolentes com seus adoradores e implacáveis com os que as desafiavam. Nesse contexto, o *museíon* era o guardião dos conhecimentos até então conhecidos da humanidade.

Dentre as nove musas, salienta-se a musa da História, Clio,

[...] nascida, como suas oito irmãs, da união de Zeus e Mnemosine, [...] ostenta uma coroa de louros. Com a mão direita segura um cornetim, para proclamar os feitos importantes, uma cítara, para cantar as proezas dos heróis, ou ainda a ampulheta, emblema da ordem cronológica dos fatos. Ela é mostrada ou em pé ou sentada, lendo um pergaminho ou debruçada sobre uma pilha de livros. Seu nome vem da palavra grega que significa comemorar, celebrar para louvar a glória dos guerreiros e a reputação de um povo (HISTÓRIA VIVA, 2010, p. 39).

Salienta-se que desde o século VI. a. C. havia a necessidade de salvaguardar objetos, obras de arte, músicas, enfim, preservar o patrimônio material e imaterial. Dessa forma, ao longo dos séculos o entendimento sobre museus foi sendo alterado, entretanto sempre preservando esse conceito inicial. Especialmente a partir do período do Estado Novo, houve novas concepções no que tange o tratamento de acervos e composição da museologia. Dentro deste processo de modificações, em 1987, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) elaborou um Manual de Orientação Museológica e Museográfica, no qual se encontra o embasamento que justifica a Casa de Memória trabalhada como um espaço museal, pois “considera o termo Museu em sua abrangência. No item b, afirma que podem ser considerados museus as bibliotecas e os centros de arquivo e documentação, desde que tenham constantemente salas de exposição” (SPHAN *apud* ROSSI; CORRÊA, 2012, p. 5).

Efetando um recorte espacial e temporal para Santa Maria da Boca do Monte, considerando a cultura local, pode-se mencionar Edmundo Cardoso, nascido

[...] em Santa Maria em 29 de janeiro de 1917. [...] Em 1935 começou a escrever artigos sobre Legislação do Trabalho no jornal *A Razão*, no qual publicou crônicas até a década de 1980. Foi correspondente do *Diário do Estado em Santa Maria*. Em 1939, compilou Legislação do município de Santa Maria. [...] Ainda na década de 1940, fundou com amigos o Clube de Inglês e, na década de 1950, com Luiz G. Schleininger, o *Clube de Cinema*, entidade amadorística que durou até 1962 (CORRÊA, 2005, p. 57).

Com a morte de Edmundo Cardoso (2002), suas herdeiras - Therezinha de Jesus Pires Santos e Gilda May Cardoso Santos - optaram por dar continuidade à aquisição de peças para o acervo e iniciar a salvaguarda das coleções, no qual este projeto possui relevante participação. Criaram, portanto, em dezembro de 2002, a Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC). Sua viúva, especialista em Museologia (UNIFRA-2002), passou a tratar o acervo segundo as normas museológicas adequadas a cada tipologia das peças: papel, fotografia, metais brancos ou amarelos, pinacoteca, biblioteca e afins.

Além da biblioteca e da pinacoteca, a CMEC possui um arquivo (subsolo), reserva técnica

(subsolo), sala de estudos e sala de higienização (andar térreo), *toilettes* e cozinha, além das antigas dependências íntimas de Edmundo Cardoso, como o dormitório (andar térreo). A parte arquivística da CMEC está sob a responsabilidade da arquivista Greta Simões Dotto (UFSM). A Casa é administrada por Therezinha de Jesus Pires Santos e Gilda May Cardoso Santos.

Percebe-se que:

[...] em qualquer hipótese, estamos diante de um modo de olhar, de uma perspectiva interpretante que traz em si a possibilidade de deformação. Em todo e qualquer museu este jogo de cartas marcadas com sinal de sangue e historicidade acontece. Em todo e qualquer museu está em cena a apresentação (mais ou menos espetacular) de uma visão possível sobre determinado fato, acontecimento, personagem, conjuntura ou processo histórico e não a história mesma (CHAGAS, 2006, p. 35).

Salienta-se, assim, que “os museus são redescobertos como arenas, espaços de conflito, campos de tradições e contradições” (CHAGAS, 2006 p. 16). Os museus oscilam entre o passado e o presente, em uma constante busca de complementariedade e justificativa, que permeia entre os dois tempos (passado e presente). E nesse contexto a história “parece um cemitério em que o espaço é medido e onde a cada instante é preciso encontrar lugar para novas sepulturas” (HALBWACHS, 2006, p. 74). O museu é, portanto, um depositário da História.

Ratifica-se, portanto, a importância da criação de espaços de memória, locais de guarda e preservação da História local, caso da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC), que dispõe de um importante acervo aberto à pesquisa e à visitação. Para que isso ocorra, porém, é necessário o tratamento das coleções: higienização, catalogação, acondicionamento, armazenagem e marcação definitiva das peças. A totalidade destes procedimentos estão sendo efetuados por intermédio do projeto de extensão já mencionado.

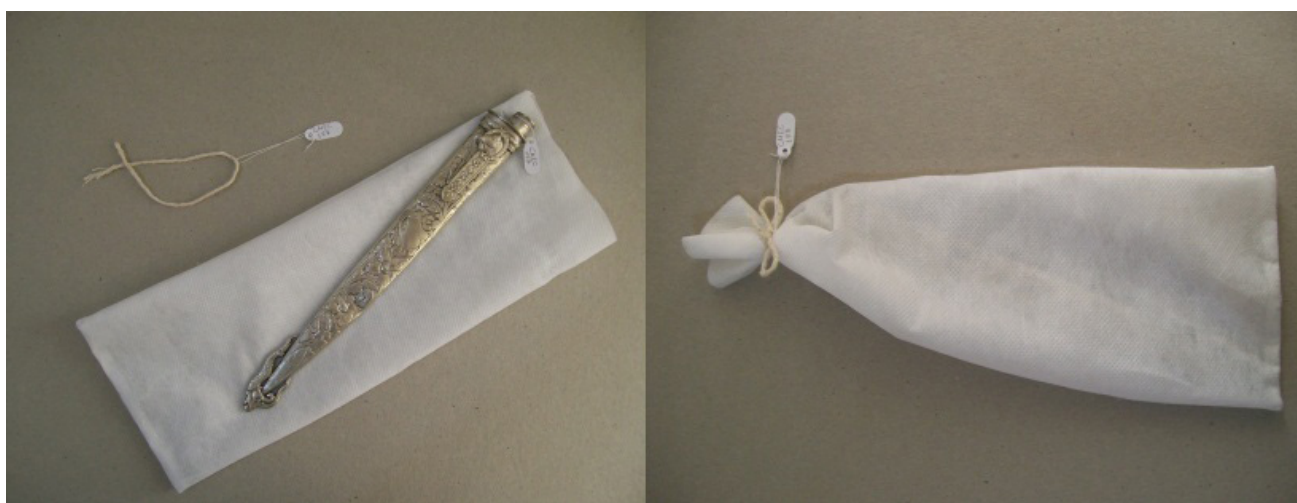
Os procedimentos de preservação iniciam-se com a higienização das diversificadas peças: metal, cerâmica, couro, gesso, madeira, plástico e vidro. A higienização se dá de forma simples, porém eficaz para a conservação das coleções: usa-se esponja de louça com a parte macia embebida em detergente líquido neutro e água; no caso de recipientes de vidro usam-se também escovas dentais ou de mamadeiras, para com isso atingir o fundo do frasco; lava-se em água corrente e seca-se a peça com panos de algodão e secador de cabelos; para a madeira usa-se lixa d’ água A500, utilizada para acabamentos, de modo a desprender mais facilmente as sujidades contidas no objeto. Feito isso, lava-se e seca-se a peça e para dar o acabamento final, usa-se óleo mineral.

Ao término da higienização, confecciona-se em máquina de costura manual embalagens em TNT, que cobrem totalmente as peças. Essas embalagens, posteriormente, são atadas e/ou vedadas com barbante cru para evitar o contato com o meio ambiente, não raro abrasivo (Figuras 1 e 2).



**Figura 1** - Bolsista Marjana Feltrin Chaves.

Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) (2011), Santa Maria, RS.



**Figura 2** - Embalagens prontas, com barbante e etiqueta de identificação.

Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) (2011), Santa Maria, RS.

Realizada essa etapa, catalogam-se os objetos no Livro de Registro, que possui 100 folhas numeradas. Suas folhas são rubricadas pela responsável pelo registro e pela coordenadora do museu, Therezinha de Jesus Pires Santos. O registro inicia-se no reverso da 1<sup>a</sup>. página e na página 2, ocupando toda a largura do livro, quando aberto.

Para a numeração do acervo, foi adotado o sistema alfanumérico, uma vez que por intermédio dele podem-se preservar duas ou mais informações: a sigla do museu, o número de registro do objeto e o seu desdobramento. Exemplo: a numeração de um açucareiro ficaria assim: CMEC001, a tampa do açucareiro seria o desdobramento e receberia o número CMEC001. 1.

A marcação é efetivada em duas etapas distintas, sendo a marcação provisória feita com lápis 6B, em etiquetas de joalheiro, contendo uma etiqueta dentro da embalagem e a outra preza ao barbante cru. A marcação definitiva se processa da seguinte forma: no próprio objeto, de preferência nas partes inferiores, num suporte ou reverso. O primeiro passo da marcação é passar uma camada de verniz, deixar secar, após passar uma camada de tinta branca, deixar secar, escrever cuidadosamente o número do registro com tinta preta nanquim, deixar secar, e, por último, passar uma camada de verniz para uma maior duração da peça.

Cada marcação vai depender da composição e da tipologia do objeto. Em materiais não porosos como vidro, louça ou cerâmica, passa-se uma camada de verniz, deixa-se secar, em seguida passa-se a camada de tinta branca e após escreve-se o número do registro com a caneta nanquim, e, por último, passa-se a camada de verniz (Figura 3). Em metais (exceto em joias, moedas e objetos preciosos), passa-se primeiro a camada de verniz, depois a camada de tinta branca, em seguida é feita a pintura do número no objeto, e, por último, a camada de verniz (Figura 4). No couro, pode ser usado a marca em tinta diretamente no objeto, mas em alguns deles usa-se base fina após a higienização, para efetuar a marcação, seguindo a camada protetora. Para materiais têxteis e indumentárias, usam-se etiquetas de pano em algodão ou linho não alvejado: cortam-se pedaços do tamanho desejado, borda-se ou escreve-se sobre eles os números com tinta de tinturaria ou tinta à prova d' água. Após, lavam-se as etiquetas para que a tinta perca a sua acidificação e costura-se cuidadosamente. Para tapetes, tapeçarias e tramas largas, são utilizadas agulhas sem pontas; nas tramas finas e roupas, usa-se agulha com ponta. O fio a ser utilizado deve ser de seda ou de algodão. Evita-se o uso do fio de *nylon*, principalmente nas peças frágeis. Nas peças de plástico, não podem levar verniz, tampouco solvente, pois estes são abrasivos. Para a marcação dos objetos, o ideal é fazer o uso de tinta a óleo diretamente no local e deixar secar por 24 horas. Os objetos de plásticos, geralmente, levam marcação semipermanente.



**Figura 3** - Marcação definitiva de taça em vidro.



**Figura 4** - Marcação definitiva em ferro e metal.

Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) (2011), Santa Maria, RS.

Materiais utilizados para a higienização de objetos: tinta branca (têmpera guache), verniz, caneta nanquim, lápis 6B, pincel para o verniz, pincel para a tinta branca, solvente, algodão e luvas (Figura 5 e 6).



**Figura 5** - Materiais utilizados para a marcação definitiva das peças. **Figura 6** - Bolsista Jovana Souza e Oliveira.

Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) (2011), Santa Maria, RS.

Passado por todos os processos, a peça deve ser conduzida até a Reserva Técnica (RT), onde ficará armazenada definitivamente e de onde sairá somente para nova higienização ou exposição (Figura 7). Cabe ressaltar que a CMEC ainda não expõe seu acervo, porém atende os interessados com agendamento prévio.

Após todo o processo de higienização e marcação, são selecionadas algumas peças na Reserva Técnica (RT), de modo a construir uma ‘colcha de retalhos’, capaz de transportar o visitante às memórias vividas por ele ou pelo (s) grupo (s) no qual o sujeito está inserido. Tais peças podem transportá-lo a lugares pelos quais já passou, as histórias que ele ouviu ou leu, aos ‘causos’ dos mais velhos. Enfim, as “lembranças permanecem coletivas e nos lembramos por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Isto é, para o autor, a memória do vivido é algo construído de forma coletiva.

A CMEC é repleta de memórias, de lembranças, várias pessoas foram eternizadas nos quadros que compõem a pinacoteca, muitas características peculiares se refletem nos objetos e nos ensaios escritos por Edmundo Cardoso. Há uma infinidade histórica de realizações, de sujeitos, de lugares a serem conhecidos, basta adentrar a Casa e sensibilizar-se com a arte, com a escrita ou com os objetos que contam parte da história sociocultural, econômica e política de Santa Maria da Boca do Monte.



**Figura 7** - Reserva Técnica.

Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) (2011), Santa Maria, RS.

## **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: VISITAS GUIADAS E EXPOSIÇÕES**

Ao longo do ano de 2012, a Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) desenvolveu uma série de atividades provocando as pessoas a visitarem-na. Assim, promoveu exposições em escolas públicas estaduais e municipais, na Câmara Municipal de Vereadores, na própria UNIFRA e demais instituições educacionais ou não.

Antes, porém, há que se conceituar brevemente o que é patrimônio, para depois elencar algumas assertivas acerca da Educação Patrimonial junto ao papel educativo da CMEC.

Há vários conceitos acerca de que é ou trata-se o patrimônio, inclusive ao que tange o que é herdado, o que se transmite de pai para filho, de geração para geração. Assim,

[...] as línguas românicas usam termos derivados do latim *patrimonium* para se referir à ‘propriedade herdada do pai ou dos antepassados, uma herança’. Os alemães usam o termo *Denkmalpflege*, significa ‘o cuidado dos monumentos, daquilo que nos faz pensar’, enquanto



o inglês adotou *heritage*, na origem restrita ‘àquilo que foi ou pode ser herdado’, mas, pelo mesmo processo de generalização que afetou as línguas românicas e seu uso dos derivados de *patrimonium*, também passou a ser usado como uma referência aos monumentos herdados de gerações anteriores. Em todas essas expressões, há sempre uma referência à lembrança, *moneo* (em latim, ‘levar a pensar’, presente tanto em *patrimonium* como em *monumentum*), *Denkmal* (em alemão, *denken* significa ‘pensar’) e aos antepassados, implícitos na ‘herança’ (FUNARI apud SOARES, 2008, p. 12).

Utiliza-se aqui uma das vertentes conceituais de patrimônio, como o “conjunto dos bens identificados pelo homem a partir das suas relações com o meio ambiente e com os outros homens e a própria interpretação que ele faz dessas relações” (BRUNO apud BESSEGATTO, 2004, p. 59), por entender-se a mais abrangente e menos idealizada.

Portanto,

na construção de um conceito de patrimônio, seja ele histórico, artístico, cultural, seja emocional, estamos entre situações nas quais a contextualização é fundamental para a existência do objeto, dado o perigo de serem realizadas ‘coleções museológicas’ desprovidas de qualquer sentido na preservação da memória [...] (SOARES apud SOARES, 2003, p. 21).

Em linhas gerais, portanto, um bem cultural (patrimônio) poderá estar tanto no saber fazer o acarajé na Bahia; o saber fazer o chimarrão na região platina; nas rezas da Romaria da Medianeira ou de Santo Antônio, em Santa Maria (RS), quanto em um prédio monumental construído com a pujança charqueadora em Pelotas (RS), ou em uma paisagem que compõe o pampa sulino:

[...] Todas as modificações feitas por uma sociedade na paisagem para melhorar suas condições de vida, bem como todas as formas de manifestação socialmente compartilhadas, fazem parte do patrimônio, pois todos os objetos ou ações que se refere à identidade de uma sociedade constitui seu patrimônio (MACHADO; HAIGERT; POSSEL apud SOARES, 2003, p. 44 - 45).

Já “o trabalho da Educação Patrimonial tem um caráter de complementaridade entre as fontes - sejam elas escritas, orais, museológicas, de monumentos, entre outras -, que possam ser utilizadas” (HAIGERT apud SOARES, 2003, p. 38). Ou seja, efetuar uma visita à CMEC com alunos do Curso de História, por exemplo, poderá implicar o contato com as várias categorias de um bem cultural mencionado anteriormente: quer material ou imaterial.

Parte-se, portanto, de uma visita do 6º. semestre do Curso de História da UNIFRA, na disciplina de *Métodos e Técnicas da Pesquisa em História*, ministrada pelo professor Carlos Roberto da Rosa Rangel, no primeiro semestre de 2012. A CMEC foi apresentada ao grupo pelas responsáveis pelo acervo, Therezinha de Jesus Pires Santos e Gilda May Cardoso Santos, que relataram os diferentes processos de salvaguarda das coleções, incluindo a pesquisa das peças e a inclusão das fotografias no Banco de Dados (Figura 8).



**Figura 8** - Visita guiada dos alunos do Curso de História Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).  
Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) (2011), Santa Maria, RS.

É fundamental que tais visitas guiadas não se esgotem em si mesmas. Que os alunos, ao retornarem aos seus espaços formais de educação, retomem as discussões acerca da pesquisa histórica, da utilização dos documentos, da vivência e das sociabilidades pertinentes a tais atividades extraclasse. E, claro, que reflitam acerca dos diversos objetos que contam a vida de gerações pretéritas. Assim,

[...] a intenção é que o aluno, pesquisando e expressando-se, passe a agir e interagir com seu meio. E ao personificar um olhar sobre o passado que a disciplina de História possibilita [que], ele, o aluno possa identificar-se enquanto indivíduo, diferente, mas componente de uma coletividade que une e, portanto, que é sujeito da história (BESSEGATTO, 2005, p. 34-35).

Dando continuidade à socialização de seu acervo, em maio de 2012, a CMEC participou ativamente da *10ª Semana Nacional de Museus*, com uma exposição itinerante acerca de personalidades significativas da História de Santa Maria, como do memorialista local João Dauth Filho, do médico Astrogildo Moraes de Azevedo, dentre outros. Os painéis continham fotografias e breves biografias dos sujeitos, expostos em 12 *banners*. A mostra foi realizada por Therezinha de Jesus Pires Santos e colaboradores e foi exposta em frente à CMEC, de forma a facilitar o acesso de quem ali passava e chamasse expressivamente o público a apreciá-la (Figura 9).



**Figura 9** - Exposição itinerante da 10ª. Semana Nacional de Museus. Santa Maria-RS, maio de 2012.

Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) (2011), Santa Maria, RS.

Isso por que, a

[...] Educação Patrimonial, dentro do contexto cultural, tem o objetivo de retomar as relações de união e pertença em uma dada comunidade, aparecendo, nesse contexto, como um agente de ‘alfabetização cultural’, onde cada elemento dessa metodologia busca uma revitalização e um despertar da comunidade trabalhada para as suas ‘raízes’ e para seus patrimônios, não deixando que fiquem esquecidos na história de sua comunidade. [...] A educação Patrimonial, portanto, pretende resgatar a relação de afeto entre a comunidade e seus patrimônios, estabelecendo entre eles um processo de aproximação, fazendo com que a comunidade tenha um sentimento de pertencimento em relação a seus bens patrimoniais, desejando, assim, seu resgate e preservação (OLIVEIRA; WENCESLAU apud SOARES, 2008, p. 32).

Até aqui, tem-se então duas intenções com a divulgação da CMEC: sensibilizar acadêmicos quanto ao uso dos acervos para suas pesquisas históricas e para a sala de aula, em um primeiro momento. Na sequência, ‘provoca-se’ o cidadão comum a conhecer parte do acervo através de fotografias, de forma inusitada, com exposições em frente à Casa, em uma rua com expressivo movimento de carros e pedestres. Inevitavelmente, este sujeito, ao apreciar a mostra, se identificará com alguma imagem, buscará informações em sua memória ‘adormecida’, o que resultará no sentimento de pertença de que fala o autor citado acima.

Outra visita guiada promovida pela CMEC ainda dentro das atividades da 10ª *Semana Nacional de Museus* (Figura 10) ocorreu com as integrantes do Núcleo Pallotino de Estudos de Envelhecimento Humano, da Faculdade Pallotina de Santa Maria (FAPAS). O grupo de senhoras

mostrou-se maravilhado em meio a objetos, memórias, sabores e saberes que a CMEC então lhes proporcionava. Desta forma, salienta-se que

as ações pelas quais os povos manifestam suas formas de ser constituem sua cultura. Passadas de geração em geração, vão se transformando ao longo do tempo, adquirindo novas formas de expressão. A cultura é um processo dinâmico que se cria e recria no cotidiano, em busca da solução das dificuldades que cada sociedade ou indivíduo enfrentam (BESSEGATTO, 2005, p. 61).



**Figura 10** - Visita guiada para integrantes da Faculdade Palotina de Santa Maria (FAPAS), Santa Maria, RS, setembro de 2011.  
Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) (2011), Santa Maria, RS.

Outra exposição promovida na CMEC se deu no mês de setembro de 2012, compondo a 6<sup>a</sup>. *Primavera de Museus*, sob o título “*Um olhar sobre Santa Maria antiga*”, também exposta em frente à CMEC (Figura 11). A exposição abordava as diferentes fases históricas do centro urbano da cidade, reportando-se ao século XIX. Estavam presentes ali elementos rurais (carroças puxadas a bois em meio às ruas modernizadas), com iluminação a querosene e uma condição de saneamento precária, porém com belas senhorinhas que compunham a ‘*Belle Époque* dos pampas’. A mostra também abordava o início do século XX, com o mundo capitalista globalizado, refletindo as modificações estruturais e culturais do espaço urbano em transformação. A ideia estava posta: bastava adentrar um portão de ferro antigo, apreciar as imagens e concluir que o belo era o tema das imagens, que as ruas estavam recebendo calçamento e sendo duplicadas, que os prédios mostrados eram suntuosos.



**Figura 11** - Exposição "*Um olhar sobre Santa Maria Antiga*".

Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) (2011), Santa Maria, RS.

E isso tudo por que

[...] acreditamos que as questões patrimoniais passam pela saúde pública, também. Como também se fazem necessários pensarmos os nossos hábitos gastronômicos, enfim, a todas os nossos hábitos, costumes, valores, etc. necessitam ter um olhar patrimonial, seja de preservação para manter raízes que singularizam o mundo diversificado e universal, seja para ampliarmos nossas reflexões diante dos desafios da 'onda' globalizante da contemporaneidade, com tendências em querer 'apagar' a pluralidade, multiplicidade em um mundo nada único (BESSEGATTO, 2005, p. 164).

E as imagens produzidas a pedido do Poder Executivo local provavelmente desejassem demonstrar uma cidade moderna, una e coesa. Afinal, o saneamento básico precário da época não estava retratado. Na exposição, porém, estas questões podem ser discutidas. Pelo menos essa era a ideia.

Assim, a CMEC sai de suas dependências e leva consigo - via exposições itinerantes - um pouco da história, da memória e do patrimônio de Santa Maria. Isto ocorreu também no Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, onde a 6<sup>a</sup>. *Primavera de Museus* esteve presente com a exposição intitulada "*Edna Mey: atriz e mulher admirável*" (Figura 12).



**Figura 12** - Exposição “Edna Mey: Atriz e Mulher Admirável”

Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) (2011), Santa Maria, RS.

Exposições realizadas em escolas também são de extrema valia, pois abrem os horizontes e diversificam o ato de ensinar e de aprender. Assim, “os educadores devem ser os mediadores entre o saber escolar e o comunitário, por isso procuramos aproximar a História da realidade do educando, por meio da valorização e promoção da cultura local e regional” (SOARES et al. apud SOARES, 2003, p. 80).

Nesse contexto, o ser professor implica em agir como

[...] ‘água-doce’, ou seja, sempre nos achamos pouco experientes. Porém somos de ‘primeira-água’, excelentes, insubstituíveis de primeira. Ora, sem ingenuidade, há em nós águas salgadas, dormentes, passadas e uns que estão indo por ‘água abaixo’, não realizando, fracassando e, até mesmo, sujando a água que bebem. Queremos ressaltar aqui principalmente que, se somos água é porque podemos deixar nossos alunos com ‘água na boca’. Fazer crescer esta água, aguçá-los ao gosto pelo saber, pelo querer conhecer, sabemos que é possível, mesmo que lentamente. Com a certeza de que, só os professores comprometidos com a educação enquanto processo, conseguem (BESSEGATTO, 2005, p. 36).

Não raro o aluno não conhece sua cidade, seus prédios, seus monumentos, pois sua visão de mundo restringe-se cada vez mais às redes sociais e às novas tecnologias. Há que aguçá-los para que tenham essa ‘água na boca’ pelo conhecimento empírico, real, do toque, da palavra falada, não somente escrita. Há que provocá-los para discussões críticas e responsáveis, em um mundo cada vez mais fragmentado. E o educador possui todos (ou quase todos) os mecanismos para esta construção do conhecimento.

Por fim, a última mostra de 2012 promovida pela CMEC: “*Bairro Itararé: origem, evolução, lembranças...*”. Tal exposição retrata as muitas histórias do bairro de origem ferroviária e de seus

moradores. Na elaboração dos *banners*, utilizou-se a metodologia da história oral, entrevistando-se os reminiscentes do período áureo do bairro. E esta escolha tinha um objetivo, pois

[...] a melhor forma de conservar a memória é lembrá-la. A melhor forma de contar a História é pensá-la. A melhor forma de assegurar a identidade é mantê-la. Tudo isso se faz através da educação, e educar para a preservação, conservação e valorização cultural é denominado de Educação Patrimonial (SOARES apud SOARES, 2003, p. 25).

Tudo isto posto, questiona-se: qual o benefício de um acervo tão variado e ainda em construção? E por que um projeto de extensão voltado para as questões de preservação e divulgação do patrimônio?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se têm pensado em preservação de bens culturais materiais e imateriais, sobretudo a partir da gestão no Ministério da Cultura (MinC), de Gilberto Gil (2002-2007). Em seu curto período à frente de um ministério até então pouco almejado pelos políticos fisiológicos, Gil colocou o MinC, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE), o SEM (Sistema Estadual de Museus) e demais órgãos ligados à cultura, em evidência. Recorreu à iniciativa privada (GERDAU, Fundação Roberto Marinho e outros) em busca de fundos. Registrou os museus nos confins do Brasil, em um movimento que em muito lembrava Mário de Andrade, com seus registros da fauna, da flora, dos fazeres e dos saberes nos longínquos anos de 1920. Andrade percorreu o Brasil de norte a sul, para escrever o anteprojeto da preservação do patrimônio brasileiro do então SPHAN e já falava em cultura imaterial. Somente em 2002 foi criado um órgão, ligado ao IPHAN, para registrar os saberes. Ou seja, a cultura imaterial.

Ora, se em nível nacional finalmente se efetiva algo que já apaixonava Mário de Andrade em 1920, em âmbito local é urgente fazer o dever de casa. E as universidades, as escolas, as instituições museais necessitam estar conectadas com essa realidade.

No Curso de História do Centro Universitário Franciscano, há uma tradição em organização de acervos, em que se deu o primeiro passo em 1998, no Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG), em Nova Palma (RS). Nesses quatorze anos, atenderam-se alguns acervos, com a presença de estudantes bolsistas sob orientação de professores do curso e socializaram-se inúmeras comunicações em eventos acadêmicos. Nesses encontros, muito se aprendeu, mas também muito se ensinou. O diálogo, as discussões, a troca de experiências dinamizam estudos, proporcionam pesquisas, buscam alternativas para o mundo contemporâneo.

Pensa-se que a Instituição está conectada com esta realidade e apoia tais projetos. O Projeto de Extensão que ora apresentamos foi socializado e discutido nos seguintes eventos acadêmico-científicos, no decorrer de 2012: *II Salão de Iniciação Científica da UNIFRA - SIC - Comunicação Oral: “Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC): a arte de salvaguardar coleções museais (Santa Maria – RS)*,

Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria (RS), de 18 a 19 de abril de 2012; *II Seminário Interdisciplinar Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)/UNIFRA: tecnologias de informação e comunicação e a sala de aula* - Comunicação oral: “*Gavetas de Guardados: o tratamento da Casa de Memória Edmundo Cardoso*”, Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria (RS), de 14 a 16 de maio de 2012; *XI Encontro Estadual de História: História, Memória e Patrimônio* - Pôster: “*Entre imagens, documentos e objetos: o tratamento do acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC)*”, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande (RS), de 23 a 37 de julho de 2012; *XVI Jornada Nacional da Educação – Educação: territórios de saberes nas Comunicações Pibidianas: “Salvaguarda e exposições do acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso*”, Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria (RS), de 20 a 23 de agosto de 2012; *Simpósio Internacional: Imagem, Cultura Visual e História da Arte* Comunicação oral: “*Punteando os Fios da Memória de Santa Maria (RS): o tratamento do acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC)*”, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 25 a 27 de setembro de 2012; *XVI SEPE- Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão: aprender e empreender na Educação e na ciência* - Comunicação oral: “*Punteando a Memória Histórica de Santa Maria (RS): o tratamento do acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC)*”, Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria (RS), de 3 a 5 de outubro; *Semana Acadêmica de História – Educação: Qual o papel da História?* – Comunicação Oral: “*Em meio a imagens, Documentos, Objetos e Memórias: o Tratamento do Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC)*, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria (RS), de 26 a 30 de novembro de 2012.

Isso posto, faz-se necessário ratificar a importância das atividades de extensão nas universidades e reconhecer os benefícios destas no amadurecimento intelectual e social dos acadêmicos nelas inseridos. Sobretudo nas IES Comunitárias - caso do Centro Universitário Franciscano – além da identidade institucional de caráter ensino-aprendizagem, torna-se primordial esse elemento aglutinador e integrador entre universidade e comunidade. E ratifica-se a ideia de que instituições de ensino superior comprometidas com as questões sociais necessitam amparar a formação de seus educandos nos pressupostos do tripé ‘ensino, pesquisa e extensão’.

Entre objetos tão diversos, como prataria, louça, metais, documentos, fotografias, insinua-se um sensível trabalho que demanda dedicação, paixão e compromisso para com as gerações vindouras. A UNIFRA, nesse aspecto, vem colaborando sistematicamente para a preservação de bens materiais e imateriais, por meio de projetos de extensão comprometidos com a preservação da memória, dos bens culturais e históricos e com a formação comprometida de seus educandos.

No caso do projeto de extensão que ora explanaram-se os resultados efetivos, 271 peças foram higienizadas e marcadas e cerca de 600 fotografias tratadas e catalogadas. Portanto, foram atingidos os objetivos propostos para o ano de 2012, ainda que a diversidade dos objetos e a variedade das coleções apontem para resultados mais consistentes em longo prazo.



## REFERÊNCIAS

BESSEGATTO, Maurí Luiz. **O patrimônio em sala de aula**: fragmentos de ações educativas. 2ª ed. Porto Alegre: Evangraf, 2004.

BESSEGATTO, Maurí Luiz. **Por aí e aqui**: o patrimônio no cenário educativo. Santa Maria: UFSM/LEPA, 2005.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mario de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.

CORRÊA, Roselaine Casanova. **Cenário, cor e luz**: amantes da ribalda em Santa Maria. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HISTÓRIA VIVA: **Mitologia** - um guia básico. São Paulo. Ed. Duetto. Nº 30, 2010.

ROSSI, Daiane Silveira. CORRÊA, Roselaine Casanova. Entre a memória e a História: a prática museal na Casa de Memória Edmundo Cardoso, Santa Maria/RS. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 7, p. 1-13, 2012.

SOARES, André Luis Ramos (org.). **Educação patrimonial**: relatos e experiências. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003

SOARES, André Luis Ramos (org.). **Educação patrimonial**: teoria e prática. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

## FONTES ELETRÔNICAS

Disponível em: <<http://speglich.blogspot.com.br/2008/03/clio-musa-da-histria.html>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

Disponível em: <<http://casamemoriaedmundo.wordpress.com/>>. Acesso em: 18 dez. 2012.